

UM MISTÉRIO

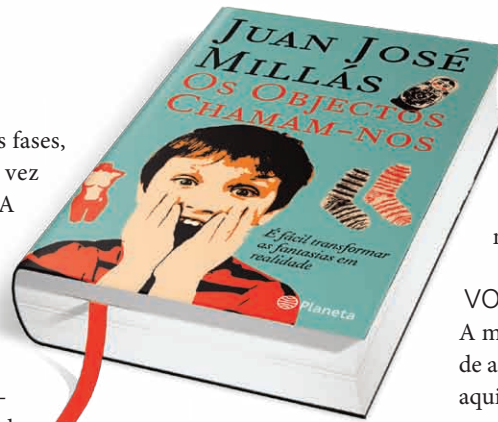
A minha mãe passou por várias fases, como Picasso, só que ela, em vez de pintar, andava de cá para lá. A meio da manhã dirigia-se ao mercado. Às vezes deixava-me acompanhá-la (nem sempre, porque também gostava de estar sozinha ou era o que dizia) e eu entretinha-me, como quase todos os rapazes, nos talhos, fascinado com os corpos dos animais abertos de cima a baixo. Como não acreditava na morte, pensava que aquelas vacas esfoladas ainda estavam vivas, embora não tivessem maneira de o expressar porque lhes tinham arrancado os nervos. Hoje posso dizê-lo com toda a tranquilidade e com toda a segurança às pessoas que duvidem como eu duvidava: as vacas dos talhos estão mortas, completamente mortas, e já não lhes dói que as cortem em bifes ou as transformem em carne picada. Os cordeiros também estão mortos, e os coelhos e os porcos. Às vezes, até o próprio talhante está morto. Digo isto porque o do talho do mercado do meu bairro tinha os olhos esbugalhados, como os das vacas sem pele, e uma palidez geral que metia medo. Quando vi o meu primeiro filme de zombies, compreendi o assunto. Um dia, a minha mãe comprou um frango inteiro, com todos os miúdos, cada qual colocado no seu lugar, embora estivesse completamente morto. Depois voltámos para casa e cada um pôs-se a fazer as suas coisas. À hora de almoço, eu esperava ver o animal aparecer na mesa, mas em vez disso comemos uns ovos estrelados. Fiquei surpreendido, mas nada disse. Pensei que o frango era para o jantar ou para o dia seguinte. Mas nem ao jantar, nem no dia seguinte, nem no outro, nem no que veio a seguir o bicho apareceu. Naquela época não se congelavam os alimentos, porque os frigoríficos não tinham estrelas, de modo que o assunto era de difícil explicação. – O que aconteceu ao frango, mamã? – perguntei passadas uma ou duas semanas.

– Esquece-te do frango.

– Porquê? – insisti.

– Porque sim, porque é isso que te estou a dizer.

Como eu não era um rapaz especialmente difícil, obedeci e esqueci-me do frango até a minha mãe morrer. Ela tinha no terraço um vaso muito grande, com umas sardinheiras que tratava cuidadosamente. Quando esvaziámos a casa, disse aos meus irmãos que gostava de ficar com aquele vaso, e esvaziei-o para o transportar até à minha casa, pois mesmo sem terra era muito pesado. Ao esvaziá-lo, encontrei os restos ósseos do



OS OBJECTOS CHAMAM-NOS

Juan José Millás

PLANETA

| O LIVRO |

Um conjunto de pequenas narrativas onde coexiste a realidade e a leitura que o escritor faz dela. Mulheres grandes que sonham com homens pequenos. Manequins que transpiram. Frangos que chegam a casa do mercado, mas que nunca aparecem na mesa. Mentiras que se transformam em realidades inexplicáveis. Fósforos velhos que iluminam quartos antigos. Pequenos mal-entendidos que dão lugar a perguntas fundamentais... bem-vindo ao mundo de Juan José Millás, entre o real e o onírico.

frango, que fora evidentemente enterrado ali havia muitos anos. Por que razão a minha mãe fez aquilo com aquele animal? Jamais o saberei. Os pais, quando se vão, deixam mais mistérios que bens materiais.

VONTADE DE DISCUTIR

A minha mãe só ouvia a rádio para estar de acordo ou em desacordo com ela. Tudo aquilo que ouvia lhe servia para se zangar ou para se reconciliar com a realidade. Não havia meio-termo. Por isso, em casa nunca se ouvia música clássica, porque é muito difícil estar a favor ou contra o que diz a música clássica. Pelo contrário, adorava boleros, cujos protagonistas censurava sem piedade por se apaixonarem por quem não lhes convinha. Isso fora o que acontecera com ela, que se apaixonara pelo meu pai, a quem uns dias adorava e outros detestava. O meu pai nunca soube por que razão o amava ou o odiava, indistintamente, mas como a experiência lhe foi ensinando que tudo aquilo que dizia podia ser usado contra ele, foi falando cada vez menos. Passou os seus últimos anos sem nada dizer, mas até o silêncio servia à minha mãe para se zangar com ele:

– Sim, sim, tu não digas nada, mas eu sei muito bem no que estás a pensar e já te digo que é um disparate.

Às vezes, porém, utilizava o silêncio do meu pai para dar razão a si própria.

– Já percebi, visto que quem cala consente, que estás de acordo em que este ano passemos o Verão na serra.

Quando apareceu a televisão, manteve com ela a mesma relação que com a rádio, só que agora aos argumentos verbais acrescentava os visuais.

– Olha lá para ele, é um idiota. Diz coisas inteligentes para despistar, mas a mim não me engana, porque a cara é o espelho da alma.

O meu pai aprendeu a ver televisão com uma neutralidade que nos punha os cabelos em pé. Parecia que estava a olhar para outra coisa, invisível para o resto dos mortais.

– Mas tu estás a ver o mesmo que eu? – perguntava-lhe a minha mãe.

E ele não respondia. Jamais respondeu. Eu almoçava uma vez por semana com eles e ficava assombrado perante a impenetrabilidade do meu progenitor, que me parecia admirável. O seu processo de indiferença chegou ao ponto de deixar de fumar, de abandonar o cigarro, que nos últimos anos fora o único objecto real a que se aferrava com algum desespero. A minha mãe, que passara a vida a censurá-lo por fumar, criticava-o agora por não fumar. E mais: ela, que detestava o tabaco, viciou-se no Mal-

boro, e atirava-lhe o fumo para a cara, para o provocar. Eu acho que o meu pai já não fumava por preguiça; que já não falava por preguiça; que não se mexia do sofá por preguiça. Muitas vezes pensei que não morria por preguiça. De qualquer forma, como nisto de morrer a biologia acaba por fazer o trabalho por nós, um dia, depois de comer, pôs-se a agonizar sem estrépito de nenhum tipo. A minha mãe perguntou-lhe se se sentia mal e ele, como única resposta, expirou.

– A mim não me enganas – disse-lhe a minha mãe. – Sei perfeitamente que morreste.

DEUS É ZOMBIE

Tenho desde pequeno um temperamento religioso, um carácter místico, mas nunca me apareceu Deus nem nada que se pareça. Também não consegui curar ninguém impondo-lhe as mãos. A toda a gente acontecem coisas paranormais menos a mim. Outro dia morreu na Austrália a mãe de uma vizinha minha, que sempre fora atea e, pelos vistos, no exacto momento da morte, partiu-se um anel da minha vizinha ao mesmo tempo que uma voz interior lhe dizia: «A tua mãe está com problemas.» Telefonou com urgência para a Austrália e, com efeito, ela acabava de morrer. Não é que não lamentasse, mas a premonição compensou a dor. Agora usa dois anéis em cada dedo para pressentir por grosso.

Eu também não peço uma manifestação tão exagerada, mas há pouco tempo, por exemplo, estragou-se o autoclismo e disse para comigo: «Já está, isto é porque aconteceu alguma coisa ao meu cunhado, que é canalizador.»

Telefonei imediatamente para sua casa e a minha irmã disse-me que ele estava óptimo. Não vou dizer que teria preferido o contrário, mas sim um sinal de que Deus existe e de que pensa em mim no momento de repartir os seus dons. Muitas dessas pessoas que ganham a vida colaborando com revistas dedicadas ao além advêm do ateísmo radical, mas Deus deu-lhes a fé. Isso é como se um partido político ganhasse as eleições e não colocasse na Administração aqueles que nele votaram. Eu passei a minha vida a votar em Deus e continuo no desemprego místico. Assim não dá.

De modo que há pouco tempo disse a mim próprio: já chega.

Fui à Praça de Callao, sentei-me num banco e disse a Deus:

– Não saio daqui até te manifestares.

Passado um bocado sentou-se ao meu lado um drogado que me pediu um euro para uma sanduíche de mortadela e mandei-o à merda.

– Também não tens de ficar assim – disse ele.

– Desculpa, é que estou à espera de Deus há duas horas, ou há trinta anos, e estou farto.

– E quem te disse que eu não sou Deus?

Ja manda-lo às urtigas, mas contive-me graças ao meu carácter piedoso. Deus aparece sob as mais estranhas formas, inclusive sob a aparência de Papa, o que já implica ter vontade de se exhibir. Passavam muitas pessoas à nossa frente que tanto podiam ser Deus como o diabo, e no passeio em frente, junto ao Pans & Company,



| O AUTOR |

Juan José Millás (n. 1946, Valência) é autor de romances como “A Desordem do teu Nome”, “Assim Era a Solidão”, “Duas Mulheres em Praga” e “Laura e Júlio”. Frequentou o curso de Filosofia e Letras, que veio a abandonar, desiludido com as limitações franquistas, dedicando-se a uma carreira administrativa que lhe proporcionasse tempo para escrever. Entre outros, recebeu os prémios Sésamo, Nadal e Primavera. Está traduzido em vinte e três línguas. É cronista do El País e autor de reportagens e artigos em vários jornais. Com “O Mundo”, conquistou o Prémio Planeta 2007 e o Prémio Nacional da Narrativa 2008.

estava uma mulher preta sentada no chão, a tirar piolhos da cabeça. Lembrei-me de um slogan que puseram um dia na fachada da minha casa: «Deus é preta», e disse-o em voz alta.

– Deus é preta.

– E castanho e azul, e às riscas encarnadas e brancas, e azuis e grenás. Sou da cor que quiser – disse o drogado –, não tenho limites.

Pedi-lhe uma demonstração e ele fez-me um truque de mãos com uma moeda. Já vi isso mil vezes: primeiro simulou que a engolia e depois tirou-ma da orelha. Grande coisa. Uma pomba sem dedos aproximou-se de mim e bicou-me o sapato. Ia dar-lhe um pontapé porque não suporto as pombas sem dedos, mas tive medo de que fosse Deus, ou pelo menos o Espírito Santo, e contive-me.

– Queres mais provas? – disse o drogado.

– Não sei, ressuscita alguém. Faz qualquer coisa que eu possa vender a uma revista do além.

Então apontou com a mão para as pessoas que andavam de um lado para o outro e disse:

– Ressuscitei hoje estes todos.

– Pois ressuscitaste-os

mal – disse eu –, parecem zombies.

– Deus é zombie – afirmou ele. – Nunca leste esse grafite?

– Não – confessei aterrado. Mas olhei com mais atenção para o drogado e, com efeito, parecia que acabava de sair do túmulo.

– Ressuscitar é fácil – disse ele. – O difícil é aguentar depois a vida minuto a minuto. Anda, dá cá um euro para a sanduíche de mortadela e deixa de pedir coisas impossíveis. Se me passar pela cabeça fazer-te um favor, ainda te arrependes de me ter conhecido.

Tinha uma expressão de cansaço cósmico que me fez compreender que estava realmente a falar com Deus. De modo que lhe dei o dinheiro e pirei-me.

Agora vivo horrorizado com a possibilidade de que me agradeça dando-me poderes para curar ou ainda pior. Por via das dúvidas, não voltei a passar pela Praça de Callao.